



2.2.1 • A comunicação mundializada • Sistemas de representação na actualidade

De pessoas a migrantes: os processos de construção discursiva da xenofobia

Lúisa Godinho

NO CERNE DA PROBLEMÁTICA das migrações internacionais encontra-se a questão da integração social dos milhões de pessoas em movimento pelo mundo e do modo como são representadas por responsáveis políticos, média e falantes. Aqui se identificam as técnicas de construção identitária dos chamados migrantes, processos linguísticos que, como veremos, garantem a aceitabilidade social do ideário xenófobo.

O recente e repentino aumento do afluxo de não-europeus à Europa coloca, hoje, o velho continente perante um desafio político que tem na identidade uma das suas questões centrais, senão mesmo a central. No cerne do debate encaixado em torno do dever de proteger por parte das nações europeias encontra-se a questão do reconhecimento dos que chegam como iguais e, conseqüentemente, dignos de um tratamento equivalente ao de qualquer europeu colocado em situação semelhante. A questão do reconhecimento do outro e da relação que com ele se estabelece encontra-se, de resto, no epicentro da História, constituindo um importante fator explicativo da transformação social, das revoluções, da guerra e também da paz.

Identidade e discurso

A identidade resulta de um processo de construção social em que o discurso desempenha uma função central. Quando falamos de discurso, seguimos aqui a abordagem de Wodak (2015) referindo-nos ao conjunto de signos partilhados num determinado contexto, com este estabelecendo uma relação de reciprocidade e produzindo efeitos estruturais sobre os agentes em presença.

A afirmação da identidade consiste na expressão de um discurso e, no caso da identidade grupal ou nacional, os média desempenham um papel central, ao reproduzirem e amplificarem a expressão simbólica do grupo, permitindo a naturalização do fenómeno.

O discurso desempenha um papel particularmente determinante na forma como os povos recebem pessoas provenientes de outros países. “As formas discursivas das chamadas ‘inclusão’ e ‘exclusão’ sociais, por exemplo, definem aqueles que são considerados europeus, permitindo a criação de uma *comunidade imaginada* que necessariamente exclui os outros”, segundo Wodak (2015) “aqueles indignos de se tornarem europeus e que são usualmente representados como estranhos ou até inimigos”.

Na base destas formulações discursivas encontra-se uma concepção metafórica que entende a sociedade como um espaço privado onde se ‘entra’ e ‘sai’ mediante autorização dos que estão dentro, de onde se conclui pelo carácter ideológico dos processos discursivos e comunicativos e se com-

preende que áreas como a linguística e as ciências da comunicação tenham sido chamadas a participar na resolução de problemas migratórios.

Construir ‘o outro’

Um conjunto de estudos recentes identificou já os processos discursivos que estão na base da representação social das hoje designadas pessoas em movimento e que determinam fortemente a forma como estas são recebidas em cada comunidade. São eles a nominalização, a dicotomização, o enquadramento e as metáforas concetuais e propomo-nos discuti-los nos parágrafos seguintes, exemplificando como têm sido utilizados na construção identitária dos migrantes.

“

A questão do reconhecimento do outro e da relação que com ele se estabelece encontra-se, de resto, no epicentro da História.

”

A nominalização constitui um dos mais primordiais processos de construção discursiva e consiste na atribuição de um nome aos fenómenos ou às coisas, processo fundamental para a identidade e o reconhecimento social. A circulação de pessoas pelo mundo é um fenómeno ancestral que remonta ao tempo do nomadismo, mas ao qual as sociedades modernas atribuíram a designação de migrações, nome cuja simples evocação permite a associação imediata aos campos semânticos da mobilidade, da instabilidade, do desconforto e da fuga. Esta associação, aliada à situação de fragilidade económica e social em que a maioria destas pessoas se encontra, produz um estatuto de menorização face aos que as olham, gerando actos de repúdio. A condição de menorização acentua-se em momentos de crise, já que a escassez real de meios, ou a sua mera percepção, tende a provocar medo e este, por sua vez, gera sentimentos de autoprotecção e de destruição face a quem se afigure como concorrente.

Os designados como migrantes passam, assim, a pertencer ao gueto semântico da migração, abandonando, do ponto de vista da percepção simbólica, a condição de seres humanos multidimensionais e dignos e, em consequência, sendo alvo dos tão frequentes sentimentos de intolerância e repulsa.

Dicotomias

Um segundo processo discursivo identificado como participante na construção identitária dos migrantes é a dicotomização. O estudo de Wodak

(2015) sobre a representação dos migrantes, refugiados e requerentes de asilo nos jornais britânicos, em particular nos tablóides e nos jornais generalistas, realizado entre 1996 e 2006, demonstra que aqueles se encontram remetidos para a categoria de ‘outros’, ou seja, estranhos implicitamente representados por oposição a um ‘nós’ e que são sistematicamente associados a características negativas. Este estudo corrobora os resultados de investigações anteriores, como a de Matouschek, Januscheck & Wodak de 1995, demonstrando a existência de um padrão universal na relação entre seres humanos explicado pelas teorias psico-sociais sobre *otherness*, assentes na construção do outro como um estranho temível. Este padrão universal, por sua vez, penetra quer o campo das relações internacionais, estando na base das políticas anti-imigração e, em caso extremo, da própria xenofobia, quer o campo da política interna, explicando fenómenos como a exclusão social, em que os nacionais pobres ou destituídos são também eles definidos como estranhos e excluídos.

O estudo de Wodak (2015) sobre o discurso político britânico sobre o designado “problema da imigração”, demonstrou de que forma o instrumento da dicotomização foi utilizado para justificar o posicionamento político pró-controlo da entrada de imigrantes. Os provenientes do Leste europeu assim como os oriundos de fora da Europa foram representados sob o *topos* da “ameaça interna” ao povo britânico (‘nós’, os britânicos, vs ‘eles’, os não-britânicos), assim legitimando a acção do governo, representado sob o *topos* da ‘responsabilidade’. É na base desta concepção dicotómica que devem ser interpretadas afirmações condicionais como a seguinte, proferida pelo primeiro-ministro britânico: “Se a imigração (...) é uma ameaça ao Reino Unido, então o governo britânico deve controlá-la”.

Enquadrar o estranho

O *enquadramento* constitui uma terceira estratégia discursiva por demais utilizada no discurso sobre as pessoas em movimento pelo mundo, consistindo numa estrutura cognitiva ou moral que permite a compreensão da realidade pelo sujeito que a interpreta. De entre os estudos sobre o tema, destaca-se o de Schmidt sobre a “Comprehensive immigration

São quatro os processos discursivos que sustentam a representação social daqueles que actualmente são conhecidos como *pessoas em movimento*, e que influenciam vigorosamente o modo como estas são acolhidas em cada comunidade.

- Nominalização
- Dicotomização
- Enquadramento
- Metáforas conceptuais

Segundo o Eurostat, durante o ano de 2015 a média do número de pedidos de asilo na União Europeia duplicou relativamente à média do ano anterior, um aumento significativo relativamente à média de crescimento verificada até aí. Os cidadãos sírios foram os que mais contribuíram para esse aumento. A Alemanha é o destino preferido da maioria dos imigrantes.

GEO/TIME	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Alemanha	48.475	53.235	77.485	126.705	202.645	476.510
Áustria	11.045	14.420	17.415	17.500	28.035	88.160
Bélgica	26.080	31.910	28.075	21.030	22.710	44.660
Bulgária	1.025	890	1.385	7.145	11.080	20.365
Chipre	2.875	1.770	1.635	1.255	1.745	2.265
Croácia	-	-	-	1.075	450	210
Dinamarca	5.065	3.945	6.045	7.170	14.680	20.935
Eslováquia	540	490	730	440	330	330
Eslovénia	240	355	295	270	385	275
Espanha	2.740	3.420	2.565	4.485	5.615	14.780
Estónia	35	65	75	95	155	230
Finlândia	3.085	2.915	3.095	3.210	3.620	32.345
França	52.725	57.330	61.440	66.265	64.310	76.165
Grécia	10.275	9.310	9.575	8.225	9.430	13.205
Holanda	15.100	14.590	13.095	13.060	24.495	44.970
Hungria	2.095	1.690	2.155	18.895	42.775	177.135
Irlanda	1.935	1.290	955	945	1.450	3.275
Islândia	40	75	115	125	170	345
Itália	10.000	40.315	17.335	26.620	64.625	83.540
Letónia	65	340	205	195	375	330
Liechtenstein	105	75	70	55	65	150
Lituânia	495	525	645	400	440	315
Luxemburgo	780	2.150	2.050	1.070	1.150	2.505
Malta	175	1.890	2.080	2.245	1.350	1.845
Noruega	10.015	8.990	9.675	11.930	11.415	31.110
Polónia	6.540	6.885	10.750	15.240	8.020	12.190
Portugal	155	275	295	500	440	895
Reino Unido	24.335	26.915	28.800	30.585	32.785	40.160
República Checa	775	750	740	695	1.145	1.515
Roménia	885	1.720	2.510	1.495	1.545	1.260
Suécia	31.850	29.650	43.855	54.270	81.180	162.450
Suíça	15.425	23.615	28.400	21.305	23.555	39.445
Total	284.985	341.795	373.550	464.505	662.165	1.393.875

Fonte: Eurostat. Original com possibilidade de pesquisa por país de origem, idade e sexo em http://appso.eurostat.ec.europa.eu/nui/show.do?dataset=migr_asypactza&lang=en.

reform” americana iniciada após a re-eleição do Presidente Barack Obama, em 2012, e que permitiria a mais de onze milhões de imigrantes não-oficiais residentes nos Estados Unidos da América a regularização da sua situação. O tema está longe de ser pacífico. O debate no congresso americano permitiu a Schmidt identificar dois enquadramentos concorrenciais no discurso político americano: um enquadramento que o investigador classifica de ‘exclusivo’ e outro designado de ‘inclusivo’.

O enquadramento exclusivo tem como eixo semântico a exclusão dos imigrantes não-oficiais da participação na vida social americana e como forma linguística a expressão ‘ilegalidade’. No discurso construído segundo este enquadramento, os imigrantes são designados de ‘ilegais’, não raro de *illegal aliens*, e associados, por isso, ao incumprimento da lei e ao crime. Por dedução lógica, o enquadramento exclusivo impede que qualquer criminoso deva ser acolhido pelos Estados Unidos da América, negando a possibilidade de acesso à cidadania ou a qualquer tipo de instrumento político que permita a normalização do estatuto dessas pessoas no país. Por oposição a este enquadramento, Schmidt detetou no discurso político americano um outro, antagonístico, ancorado no eixo da inclusão social e no *topoi* ‘undocumented immigrant’. Schmidt explica que a escolha desta última designação se deve ao facto de ser “uma expressão mais descritiva do que

pejorativa”, uma tentativa de “neutralizar a hostilidade para com estes migrantes”. Este enquadramento parte da premissa da realidade, concebendo os imigrantes não-oficiais como membros da sociedade americana, elementos de famílias que participam da vida coletiva, que têm os filhos na escola e que habitam os mesmos bairros dos imigrantes oficiais.

Metáforas da mente

Por fim, as metáforas conceptuais foram identificadas como um poderoso instrumento discursivo na forma como as pessoas em movimento pelo mundo são representadas. Quando aqui se fala em metáforas, não nos referimos ao conjunto de recursos estilísticos que visam adornar o texto, mas antes, seguindo Lakoff & Johnson (2003) autores da designação, aos modelos apriorísticos de pensamento que a linguagem exprime de forma involuntária, permitindo a representação de um conceito a partir da utilização de um outro. Esta representação por similitude, para utilizar a expressão de Aristóteles que já se interessava pelo tema, constitui um importante indicador semântico que permite compreender a estrutura conceptual que se encontra na base de determinado discurso.

Segundo uma consolidada linha de pesquisa, o discurso sobre as chamadas *migrações* é pródigo em metáforas conceptuais. Keith Cunningham-Parmeter

(2011), por exemplo, num estudo exaustivo sobre acórdãos judiciais relativos a casos de imigração, identificou um conjunto de metáforas que revelam bem a forma como os migrantes são representados discursivamente. Os juízes falam numa ‘sombra’ de milhões de imigrantes ilegais, associando as pessoas provenientes de outros países à mancha difusa da escuridão, possuindo esta, por sua vez, um carácter psicologicamente ameaçador. Os acórdãos são ainda prolíficos na metáfora “os imigrantes são lixo tóxico”, ao compararem os imigrantes às drogas e aos dejetos, deste modo instigando, segundo o investigador, o desejo humano de expulsar do corpo qualquer contaminante detectado. Parmeter identificou ainda as metáforas do estranho, da inundação (a imigração vai inundar o país, atribuindo força, direcção e volume à massa de migrantes) e da invasão (os imigrantes vão invadir o país) aplicadas à imigração pelos juízes. Os acórdãos “são plenos de palavras evocativas que fundem o conceito de imigração com as noções de criminalidade, devastação e ataque”, conclui o investigador.

À luz do que aqui se expôs resulta claro que o problema da identidade se encontra na base de boa parte dos problemas migratórios e que aquele constitui um fenómeno socialmente construído através da naturalização do discurso das elites e dos média, discurso este pleno de conotações negativas acerca das *peças em movimento* pelo mundo. Como vimos, este discurso parece garantir a sua aceitabilidade com base em processos textuais cada vez mais sofisticados que a análise do discurso permite desvendar. São eles o garante da permanência, discreta mas efetiva, do ideário xenófobo nas sociedades contemporâneas construídas sob a égide da democracia e dos direitos humanos. ■

Referências

- Cunningham-Parmeter, K. (2011), Alien language: immigration metaphors and the jurisprudence of otherness, *Fordham Law Review*, Vol. 79. Available at http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1803473.
- Lakoff, G. & Johnson, M. (2003), *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press.
- Matouschek, B., Januschek, F. & Wodak, R. (1995), *Notwendige massnahmen gegen fremde? [Necessary measures against foreigners?]*. Vienna: Passagen Verlag.
- Messer, M., Schroeder, R. & Wodak, R. (eds) (2012), *Migrations: interdisciplinary perspectives*. Wien: Springer.
- Ommundsen, R., Van Der Veer, K., Larsen, K. S. & Eilertsen, D. E. (2014), Framing unauthorized immigrants: the effect of labels on evaluations. *Psychological Reports*, 114(2), 461-478. doi:10.2466/17.PR0.114k20w0, available at <https://ir.library.oregonstate.edu/xmlui/bitstream/handle/1957/50110/LarsenKnudPsychologyFramingUnauthorizedImmigrants.pdf?sequence=1>.
- Schmidt, R. (2013), *Racialization and the unauthorized immigration Debate*. APSA 2013 Annual Meeting Paper; American Political Science Association 2013 Annual Meeting. Available at <http://ssrn.com/abstract=2300825>
- Wodak, R. (2015), The discursive construction of strangers: analyzing discourses about migrants and migration from a discourse-historical perspective. *Newsletter of the American Political Science Association*, Organized Section on Migration and Citizenship, Vol. 3, n.º. 1, pp. 6-10, available at https://www.academia.edu/12306435/The_Discursive_Construction_of_Strangers_Analyzing_Discourses_about_Migrants_and_Migration_from_a_Discourse-historical_Perspective.